

“EU SOU UM JORNALISTA”. O JORNALISMO FILOSÓFICO DE MICHEL FOUCAULT

“I AM A JOURNALIST”. THE PHILOSOPHICAL JOURNALISM OF MICHEL FOUCAULT

“SOY PERIODISTA”. EL PERIODISMO FILOSOFICO DE MICHEL FOUCAULT

Regiane Lorenzenti Collares¹
regiane.collares@ufca.edu.br

Luis Celestino de França Júnior ²
luis.celestino@ufca.edu.br

Lara de Moraes Feitosa³
larafeitosa@alu.ufc.br

RESUMO

O artigo busca investigar o encontro entre o Jornalismo e a Filosofia na obra de Michel Foucault a partir de uma declaração em que ele mesmo se define como jornalista. Pesquisar a possibilidade de um jornalismo filosófico na obra de Michel Foucault dá indícios do alcance da atitude corajosa da crítica no debate público a partir das questões emergentes de nosso presente. Seja na cobertura jornalístico-filosófica da revolução iraniana, seja em suas conferências e entrevistas sobre o papel da crítica ou, ainda, seja em suas aulas no Collège de France sobre as tecnologias de governamentalidade ou sobre a coragem da verdade, o que vemos de antemão é o exercício de um pensamento

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará e do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri. Doutora em Filosofia pela UFSCAR. Professora do Instituto de Cultura e Arte da UFC.

² Professor do Instituto de Cultura e Arte da UFC. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE).

³ Estudante de Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET Filosofia/UFC).

que se vincula e se compromete em enfrentar processos seculares de assujeitamento e de controle da população.

Palavras-chave: Jornalismo Filosófico; Reportagem de Ideias; Michel Foucault

ABSTRACT

This article seeks to investigate the encounter between Journalism and Philosophy in the work of Michel Foucault, starting from a statement in which he defines himself as a journalist. Exploring the possibility of a philosophical journalism in the work of Michel Foucault provides clues to the reach of the courageous attitude of criticism in public debate, based on the emerging issues of our present. Whether in the journalistic-philosophical coverage of the Iranian revolution, in his lectures and interviews on the role of criticism, or in his classes at the Collège de France on the technologies of governmentality or on the courage of truth, what we see beforehand is the exercise of a thought that is linked to and committed to confronting centuries-old processes of subjugation and control of the population.

Key Words: Philosophical Journalism; Idea Reporting; Michel Foucault

RESUMEN

Este artículo busca investigar el encuentro entre periodismo y filosofía en la obra de Michel Foucault, partiendo de una declaración en la que se define a sí mismo como periodista. Explorar la posibilidad de un periodismo filosófico en la obra de Michel Foucault ofrece claves para comprender el alcance de la valiente actitud crítica en el debate público, basada en los problemas emergentes de nuestro presente. Ya sea en la cobertura periodístico-filosófica de la revolución iraní, en sus conferencias y entrevistas sobre el papel de la crítica, o en sus clases en el Collège de France sobre las tecnologías de la gobernanza o sobre la valentía de la verdad, lo que observamos es el ejercicio de un pensamiento vinculado y comprometido con el cuestionamiento de procesos centenarios de subyugación y control de la población.

Palabras clave: Periodismo filosófico; Reportaje de ideas; Michel Foucault

1 INTRODUÇÃO

Então, não há um tempo para a crítica e um tempo para a transformação, não há aqueles que têm de fazer crítica e aqueles que têm de transformar aqueles que estão fechados em uma radicalidade inacessível e aqueles que são obrigados a fazer as concessões necessárias ao real. De fato, creio que o trabalho de transformação profunda só pode ser feito no espaço aberto e sempre agitado de uma crítica permanente. (Foucault, “É importante pensar?”)

Na entrevista concedida a estudantes na Califórnia em 1978, intitulada “Diálogo sobre o Poder”, Michel Foucault faz uma declaração no mínimo inusitada e até certo ponto surpreendente sobre si mesmo: “Eu sou um jornalista” (2006, p.265). Apesar dessa resposta inesperada, os estudantes que o entrevistavam não o instigaram a discorrer sobre sua disposição “jornalística” diante da atualidade, ficando então a questão em aberto. Na mesma entrevista, quando perguntado se se via mais como um filósofo ou historiador, Foucault responde então de forma negativa e contundente: “Nem um nem outro” (2006, p.255). Ora, dessa recusa em se considerar particularmente como filósofo ou historiador, uma dúvida passou a persistir sobre a posição de Foucault diante da sua leitura crítica da atualidade: quais os motivos que diante de questões sobre as relações de poder fizeram um renomado pensador, considerado e prestigiado mundialmente como filósofo, identificar seu trabalho com o ofício de jornalista.

Foucault parece ter lançado aí uma proposição intrigante sobre o papel da filosofia e do jornalismo diante das questões do hoje, das tecnologias de análise do poder, sugerindo a aproximação de duas áreas aparentemente distantes. A filosofia, por um lado, com escritos milenares de eras pré-socráticas, com um tempo próprio de reflexão, meditação e escrita, e, por outro lado, o jornalismo, fruto da Modernidade, da escrita ligeira, fincado numa atualidade factual e, em muitas ocasiões, ligado a uma lógica de mercado. Desse modo, nos questionamos: o que faz Foucault aproximar por vezes esses dois campos críticos, como também diferenciá-los e contrastá-los?

Sobre isso, encontramos na entrevista clandestina concedida por Foucault ao jornal *Le Monde* em 1980, onde o pensador é apresentado ao público sob o pseudônimo de “O filósofo mascarado”, sua insatisfação com a mídia. Os discursos midiáticos passavam a despertar nele uma espécie de “sensação de ‘não lugar’, ‘ele ou eu’, ‘cada

um, por sua vez” (2008, p.303). Daí a constatação de Foucault: “estamos em fila indiana devido à extrema exiguidade de locais onde é possível se fazer ouvir ou se fazer entender” (2008, p.303). Ora, este tipo de angústia com os meios franceses de comunicação não deixava de se verter para ele “em mil sintomas”, tais como:

o sentimento de impotência diante da mídia, a quem acusam de dominar o mundo dos livros e fazer com que aqueles que gostam ou não gostam existam ou desapareçam. Daí também o sentimento entre os críticos de que não se farão ouvir a menos que levantem a voz e tirem um coelho da cartola toda semana (FOUCAULT, 2008, p.303).

Por isso, não há uma resposta fácil e nem única para essa aproximação inusitada entre filosofia e jornalismo, mas há pistas possíveis de serem reunidas ao longo de escritos, conferências e entrevistas da trajetória de um pensador engajado nos debates sobre os problemas do presente. O objetivo deste artigo é então investigar a aproximação do jornalismo, da filosofia e de uma disposição crítica em Michel Foucault, na medida em que no exercício de seu pensamento foi possível encontrar indícios do alcance da atitude corajosa da verdade diante de uma realidade movente e pulsante, que demanda aos jornalistas e filósofos uma atenção crítica de análise e de diagnóstico do presente. Tal atenção crítica de Foucault, também em relação aos discursos com valor de verdade, ganha maior relevância num tempo em que o jornalismo passa a se confrontar com a produção massiva de *fake news*, com a implantação perversa de notícias falsas, principalmente, em contextos em que há tentativas de manipulação da opinião pública, como vemos em períodos de disputa eleitoral. Desse modo, nas linhas iniciais deste artigo, é a atitude crítica que nos auxilia a desvendar a face jornalística de um filósofo ocupado em colocar em xeque os sistemas de poder, em produzir um curto-circuito e abalar os regimes de verdade forjados por discursos retóricos ou polêmicos sem qualquer comprometimento com os problemas de nosso presente.

2 JORNALISMO FILOSÓFICO E O *MÉTIER* DA CRÍTICA

A existência de um suposto jornalismo filosófico aparece em Foucault na centralidade da atitude crítica. Para isso, Foucault não deixa de retomar o sentido da crítica moderna formulada pelo filósofo alemão Immanuel Kant, nos termos de uma “preocupação de dizer o que se passa hoje” (FOUCAULT, 2010, p.279). Kant nunca fora um autor estranho na trajetória de Foucault, sendo possível identificar sua presença em diferentes momentos da sua carreira filosófica⁴. O aspecto talvez mais surpreendente desse resgate da crítica kantiana, portanto, não era a atenção e interesse de Foucault para com a obra de Kant - já presente em vários textos anteriores -, mas sim seu interesse insistente por um texto publicado no jornal alemão *Berlinische Monatsschrift* (1784), em que o filósofo alemão apresenta a atitude crítica indissociável de um enfrentamento das condições em que nos vemos menores e subjugados. Foucault voltará a esse texto jornalístico kantiano outras vezes, mas será em uma conferência de 1978, na Sorbonne, que ele dará ênfase ao tema da crítica como uma atitude de coragem.

Como afirmam Daniele Lorenzini e Arnold Davidson (2025, pp. 11-12), a retomada de Kant por Foucault viria no sentido de “redefini-lo radicalmente para retomá-lo como seu próprio”. É importante destacar que no mesmo ano de 1978, na época em que expressava todo seu apreço pelo texto kantiano, Foucault também se propunha a fazer uma cobertura jornalístico-filosófica sobre a revolução iraniana. Este trabalho culminou com a escrita de quinze artigos publicados no jornal italiano *Corriere Della Sera* (nos meses de setembro e de novembro de 1978), marcando a experiência jornalística de Michel Foucault em textos designados como “Reportagens de Ideias”. Tratava-se de um projeto jornalístico em que caberia a Foucault discorrer criticamente sobre os movimentos revolucionários contra o regime do xá Reza Pahlavi. Este governo do xá Pahlavi teria se imposto no Irã através de um golpe de Estado. Na ocasião, para combater o poder desmedido do xá Pahlavi, a população iraniana se imbuíra em uma revolução que envolvia diferentes forças políticas opositoras. Todavia, tal coalizão revolucionária não demorou, quase por unanimidade, a apoiar a futura eleição do aiatolá

⁴ Como tese complementar ao doutoramento na França, exigência da época, além da sua “História da Loucura na Idade Clássica”, Foucault escrevera o texto “Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant”, uma leitura do texto kantiano de “Antropologia do Ponto de vista pragmático”.

Khomeini, desencadeando uma forte perseguição aos que tinham apoiado a revolução contra o xá Pahlavi, como foi o caso de Foucault. Vale ressaltar que o entusiasmo com a revolução iraniana fez com que Foucault viesse a sofrer uma espécie de cancelamento por parte da mídia francesa.⁵

É nessa atmosfera de “cancelamento” por parte do jornalismo francês que Foucault se sente compelido a ter de justificar o vínculo entre os atos revolucionários e a atitude crítica (2012, p. 124). Em linhas gerais, o papel de Foucault na formulação de uma reportagem de ideias e a singularidade de suas considerações sobre revolução iraniana se deram sobre um outro plano filosófico que não o transcendental, tarefa kantiana *par excellence*. Segundo a apreensão foucaultiana, as ideias que lhe surgiram vinham a reboque da emergência dos embates políticos, no ponto em que não “há mais ideias sobre a terra do que com frequência imaginam os intelectuais. E essas ideias são mais ativas, mais fortes, mais resistentes e mais apaixonadas do que o que delas podem pensar os políticos” (Foucault, 2012, p. 125). Noutras palavras, o que Foucault afirma se comprometer, à época dos movimentos insurrecionais iranianos, é

assistir ao nascimento das ideias e à explosão de sua força: e isso não nos livros que as enunciam, mas nos acontecimentos nos quais elas manifestam sua força, nas lutas que travamos pelas ideias, contra ou a favor delas. Não são as ideias que levam o mundo. Mas é justamente pelo fato de o mundo ter ideias (e por produzi-las continuamente) que ele não é conduzido passivamente segundo aqueles que o dirigem ou que gostariam de ensiná-lo a pensar de uma vez por todas (Foucault, 2012, p. 125).

⁵ A série de reportagens realizada por Michel Foucault foi alvo de algumas críticas na Imprensa francesa na época. Notadamente a noção de espiritualidade política provocara a ira de uma parcela da esquerda tradicional que passou a vincular o conceito e a imagem do próprio Foucault à violência do “vigiar e punir” do regime iraniano dos aiatolás. Ora, o que as reportagens de ideias acabaram por mostrar parecia ser não a recusa dos processos revolucionários, mas a constatação de que a revolução do Oriente era motivada por outras circunstâncias que as leituras da filosofia política e da história até então não alcançavam. Desse modo, Foucault observava oportunamente no andamento da própria revolução questões como o porquê de as pessoas se revoltarem, o contágio da revolta, como era possível uma revolução que não seguia um partido político, uma vanguarda política ou uma ideologia, ou seja, como era diferente uma revolução no Oriente, em que figuras míticas ou religiosas acabavam prevalecendo sobre um movimento baseado numa identidade de classe. Ver: Laval, Christian. “Foucault e a experiência utópica”. In: *O Enigma da Revolta*. Foucault, Michel. São Paulo, n-1 edições, 2018.

Por conseguinte, as ideias em questão sobre os acontecimentos revolucionários na história só podem surgir para Foucault quando os intelectuais trabalham como jornalistas, no ponto de “entrecruzamento entre as ideias e os acontecimentos” (2012, p. 125), destacando-se ao final do texto “Com o que sonham os iranianos?” a emergência de uma “vontade política” de transformação. Sobre isso, é evidenciado pelo filósofo jornalista tanto a formulação de um “singular destino” que se apresentava na história do povo Iraniano, quanto a articulação de uma atitude crítica e transformadora diante dos poderes opressores, instigando-nos a sair de uma condição de minoridade, questão central do texto kantiano sobre uma época que se pretende esclarecida. O que indicou ser importante para Foucault, pelo menos nesta sua experiência jornalística em Teerã, na expressão de uma atitude crítica e confrontando os ideais revolucionários europeus, era noticiar uma história singular que acontecia no Irã; uma história revolucionária que dada a singularidade merecia ser contada, uma história de contestação de regimes de poder autoritários surgida de um “pequeno canto de terra no qual o solo e o subsolo são o foco de estratégias mundiais” (FOUCAULT, 1994, p. 694).

Tratava-se então de ver por outros ângulos a possibilidade de atitudes de insubmissão frente aos poderes coercitivos, atitudes dadas na emergência de contracondutas. Ora, não à toa, foi no momento de sua cobertura jornalística dos atos revolucionários iranianos contra a limitação das práticas de liberdade que Foucault pôde presenciar toda uma trama discursiva totalizante se esfacelar. Foucault passa também a perceber que é somente com a disposição corajosa da crítica que todo um campo de transformação de nós mesmos passa a se dar.

Talvez tenha sido nesta breve atividade experimental como jornalista, vivenciando e observando de perto a revolução iraniana, que Foucault viesse a compreender que as mais significativas formulações críticas seriam indissociáveis da emergência de contracondutas, na proporção em que a contestação das verdades ditatoriais nos levaria a nos insurgir contra contextos de dominação. Em suma, a atitude crítica jornalística e filosófica teria a potência de uma mobilização política ímpar, levando-nos a sair de uma posição de minoridade, tal qual se expressava no texto de Kant publicado em um jornal alemão. Não por acaso que logo após sua estadia em Teerã, Foucault vem a associar mais diretamente a noção de um “jornalismo filosófico”

ao tema da *Crítica*, formulação que veio na esteira das suas considerações sobre o texto kantiano e, obviamente, de seu trabalho jornalístico de cobertura e análise crítica da revolução iraniana. Não se pode deixar de notar que sob esta mesma “inspiração” crítica, além da conferência na Sorbonne *Qu’est-ce que la critique*, Foucault curiosamente escreve um prefácio ao livro *Era das Rupturas*, do jornalista Jean Daniel, um dos fundadores do *Nouvel Observateur*, semanário francês que em 1978 completava quinze anos.

O *Le Nouvel Obs* alcançava no fim da década de 1970 larga influência nos meios acadêmicos. Alguns de seus jornalistas eram intelectuais e várias de suas fontes eram também de professores renomados no universo acadêmico⁶. Nesse prefácio ao livro de Jean Daniel, pode-se identificar a presença de temáticas que apontam para as questões da atualidade, da coragem e da atitude crítica. Por isso, na perspectiva foucaultiana, quando o assunto era tratar da atualidade, tal como um jornalista, prevalecia a percepção de não haver “muitas filosofias, desde esse momento, que não girem em torno da questão: O que somos nesta hora? Qual é este momento tão frágil do qual não podemos separar nossa identidade e que a levará com ele? Mas penso que essa questão é, também, a razão do ofício do jornalista” (Foucault, 2013, pp. 279-280).

O que Foucault se ocupava então na sua função de filósofo jornalista ou de jornalista filósofo, *vis-à-vis*, não era a “afetação” de saber como tudo se passava, “em todo lugar e sempre”. A questão da atualidade que afeta e move Foucault é, nos seus próprios termos, o “desejo de adivinhar o que se esconde sob essa palavra precisa, flutuosa, misteriosa, absolutamente simples: hoje” (2013, p. 280). Disso depreendemos que os sentidos do “hoje” não podem ser vistos apenas como questões que emergem em nosso tempo. O que parece de fato importar a Foucault é como no hoje podemos enfrentar criticamente os problemas que nos assolam e as verdades que nos excluem. Não por acaso que desses enfrentamentos indica se ressaltar a questão da coragem da verdade e da crítica intimamente implicadas no ofício do jornalista e nas ideias do filósofo. Por esses traços, o jornalismo filosófico de Foucault sugere se referir e se

⁶ Vale salientar Didier Eribon – amigo e autor de uma biografia sobre Foucault, era um de seus jornalistas e entrevistara nomes importantes do meio intelectual francês como o antropólogo Claude Levi-Strauss e o sociólogo Pierre Bourdieu.

comprometer com aquelas atitudes filosóficas e jornalísticas, a um só tempo, que se compõem tanto como crítica, quanto como a coragem necessária para a transformação de nós mesmos.

Nesse sentido, o *métier* da crítica em Foucault, na medida em que o pensamento filosófico se encontra com a análise jornalística voltada à atualidade, não deixa de trazer à tona um caráter tridimensional, a saber: (i) um contínuo questionamento do presente, (ii) um processo de desassujeitamento e (iii) um campo aberto de experimentação. Diante disso, a crítica vista tridimensionalmente pressupõe, nas palavras de Foucault, situar os textos sobre o *hoje* em um volume “complexo, multidimensional, de práticas e regras em uma relação íntima” (Foucault, 2008, p. 146). Por isso, segundo a compreensão foucaultiana, a atitude crítica não pode ser desvinculada do exame atualizado e atento das artes de governar (Foucault, 2025, p. 37). A retomada da crítica diz então de uma posição ético-política da qual cada um de nós faz valer o direito de, ao menos, questionar os modos de governo que nos assujeitam.

Isso quer dizer que o questionamento contínuo dos modos de governo, sem se deter em uma pauta emancipatória específica, é uma atitude de inservidão e suspeita frente às verdades que porventura tenham se tornado instrumentos de dominação e despotismo (Foucault, 2000, p. 357). Depreendemos assim, em uma visão geral, que a atitude crítica diz respeito tanto ao exame dos modos contemporâneos de nos deixarmos ser governados, como de nos revoltarmos contra determinados modos de governo, despertando em nós “a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida” (Foucault, 2025, p.41).

Pode-se considerar também que a crítica em Foucault passa a se articular com a atitude de desorganização dos sistemas de aceitabilidade de um discurso com valor de verdade. Isso implica em um questionamento contínuo com notórias dimensões políticas. Na entrevista “É importante pensar?”, com seu amigo Didier Eribon, Foucault (2010, p.357) afirma ser a atitude crítica “sempre o resultado de um processo no qual há conflito, afrontamento, luta, resistência...”.

Desse modo, sob o ponto de vista de um jornalismo filosófico, tudo nos leva a considerar que a atitude crítica se configura como uma prática que visa explorar como se constitui historicamente uma ordem discursiva na qual algo é dito e creditado com

valor de “verdade”. Isso significa que, de maneira geral, se a governamentalidade se exerce através da absorção de dispositivos de controle e de obediência por parte da população, isso provém da assimilação acrítica de discursos supostamente verdadeiros ou até mesmo de *Fake News*. Examinar um dado discurso a contrapelo, questionar aquilo que se apresenta sob a forma do verdadeiro, é também se perguntar “por estratégias, acidentes e jogos de força que o tempo sedimentou”, principalmente, em aparência de verdade (Foucault, 2000, p. 348). Então, a atitude crítica põe em evidência um presente que vai se transformando por se tornar objeto de problematização (Foucault, 2000, p. 350). Na incidência da crítica, segundo Foucault, o presente se torna um efeito de superfície, um plano de realidade no qual é possível intervir e colapsar extratos discursivos que pretendem minar as suas potências transformadoras.

Por conseguinte, é diante dessa dimensão alteradora da crítica que Foucault se volta contra as tecnologias de governo que se fundam na produção de discursos verdadeiros, precisamente no ponto em que os dispositivos da governamentalidade se encontram implicados em processos de *assujeitamento* (Foucault, 2000, p. 357). A questão que emerge daí desloca-se da validade do conhecimento da verdade para suas condições de possibilidade e de funcionamento. Segundo Roberto Machado (2006, p. 176), um dos responsáveis por divulgar o pensamento foucaultiano no Brasil, a principal ocupação do filósofo francês em sua microfísica dos poderes consistiria em ver o campo dos saberes não como expressões de uma infraestrutura, mas sim como componentes dos dispositivos de governo na atualidade.

Quando então nos referimos à função alteradora da crítica é de certo modo incontornável não nos determos nas formulações filosóficas que foram semeadas por Kant em um veículo jornalístico. Nesse contexto, a crítica kantiana retomada por Foucault é aquela que conclama a participação da opinião pública, é aquela que se abre em um espaço democrático e que se articula em um uso público da razão. Isto é, da perspectiva foucaultiana, é confiada à crítica, tanto filosófica quanto jornalística, a tarefa de nos conduzir a uma saída (*Ausgang*) do estado de menoridade, de uma condição em que somos incapazes de nos servirmos do nosso próprio entendimento. Nesse sentido, a menoridade, trazida à tona já no texto kantiano, refere-se a um estado de preguiça intelectual, em que a informação ou o conhecimento é assimilado sem

nenhum questionamento autônomo (Foucault, 2000, p. 337). Se Foucault toma o texto de Kant como um “livro de bordo” (Foucault, 2000, p. 341) em sua conferência de 1978 “O que é a crítica?” é porque encontra nele um modo de enfrentar “uma prática social de sujeitar os indivíduos por mecanismos de poder que reclamam de uma verdade” (Foucault, 2025, p. 40-41). Por isso, a posição crítica foucaultiana, não sem influência de Kant, perfaz um movimento “pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade [...] A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade.” (Foucault, 2025, p. 41)

É a partir da crítica, portanto, que aquilo que se apresentava como uma verdade em si é reconduzido à malha de interesses políticos, de jogos discursivos de poder, evidenciando o presente como resultado de uma composição histórica contingente. A verdade que surge daí denuncia a possibilidade de também ter sido dita de outros modos, revelando ângulos de abordagem da realidade até então inimagináveis. De maneira geral, Foucault pensa a atitude crítica como uma instabilidade que se forma e se desfaz no interior das práticas discursivas e das condutas individuais, e cuja realidade é irrevogavelmente histórica e movente.

3 O EXPEDIENTE DA CORAGEM E O CARÁTER POLÍTICO DO JORNALISMO

Não se pode desprezar o fato de que Foucault formula sua crítica como um ato de coragem, de coragem política; ele não expõe suas ideias e análises do alto da montanha como um intelectual, ele escreve na superfície em que eclodem os acontecimentos da atualidade. Temos, portanto, no Foucault jornalista e filósofo, a um só tempo, uma posição destemida daquele que se encontra em uma realidade labiríntica, que não hesita em questionar determinadas verdades forjadas por autoridades dogmáticas.

Não foi por acaso que, em homenagem à carreira jornalística do francês Jean Daniel, Foucault viesse destacar justamente a sua “coragem”. A coragem, presumida no trabalho crítico de jornalistas como Jean Daniel, seria aquela capaz de provocar uma mudança, um corte, uma ruptura. Seria aquela em que se mergulha na mobilidade dos acontecimentos, se nada na contracorrente, sem ter um ponto fixo de exame da verdade.

Sobre a coragem política de Jean Daniel, sobretudo, depois de Maio de 68 - ao acompanhar tanto o ápice quanto o declínio revolucionário francês -, Foucault afirma categoricamente:

Em 15 anos, desde a fundação do *Nouvel Observateur*, Jean Daniel mudou, tudo mudou à sua volta, o jornal mudou, seus interlocutores, seus amigos, seus adversários também. Todos e cada um, e cada um em relação a todos. Era preciso coragem política, controle de si mesmo e da linguagem para mergulhar nessa mobilidade geral, para não ceder à tentação de dizer que nada mudou tanto apesar da aparência. Para não dizer também: eis o que se passou, eis a força que tudo levou com ela. E, sobretudo, para não se ter posse nem se erigir em ponto fixo” (Foucault, 2013, p. 280).

Nessa espécie de coragem ressaltada por Foucault, destacamos aqui que não se trata somente da coragem do enfrentamento de poderes constituídos, embora em diferentes momentos de sua obra é exatamente esse tipo de coragem que se destaca. Aqui nos importa é ressaltar a coragem de um dizer, de se expressar com verdade, e de um posicionamento de vida coerente com o que se diz. A coragem da verdade em Foucault afirma-se, então, no enfrentamento político diante da suposta certeza das “poderosas” opiniões, do deslocamento de seu próprio campo de atuação e de sua relação sempre questionadora diante dos saberes. Podemos dizer que as faces jornalística e filosófica do pensamento de Foucault, de um pensador comprometido com o presente, indicam inclusive a coragem de colocar à prova as formulações tidas como verdadeiras.

Frédéric Gros, pesquisador da obra foucaultiana, destaca *A Coragem da Verdade*, último curso de Foucault no *Collège de France* em 1984, como seu “testamento filosófico”. A coragem pronunciada por Foucault em uma espécie de “moral do desconforto” era sobretudo a coragem de mudar por se dizer a verdade. Sendo assim, a verdade dita como uma atitude de coragem, em acordo com a leitura foucaultiana, refere-se àquela que encontramos sob o termo “parresia”. No contexto ético da Grécia Antiga, o emprego da parresia (etmol. *pan rêma*, dizer tudo) era referenciado às ocasiões em que tudo era dito, sem reservas e com coragem. Todavia, Foucault não desconsidera que o fato de se “dizer tudo” também poderia trazer riscos de

morte àqueles e àquelas que se propusessem a dizer a verdade de modo limpo e seco, sem nenhum efeito retórico.

Não podemos deixar de notar que no testamento (corajoso) filosófico de Foucault, há o destaque de três modos antigos de se dizer a verdade: como profecia, como expressão de uma sabedoria ou, ainda, como atividade de ensino. No entanto, destacar a verdade na fórmula parresiástica da coragem marca o interesse de Foucault por um dizer verdadeiro que tem uma incidência ético-política; tanto pelo que pôde encontrar na filosofia de Sócrates, como no modo de vida dos cínicos antigos. De ambas as perspectivas, a socrática e a cínica, o que indica estar em jogo para Foucault é a verdade dita tanto como um compromisso diante de si mesmo, de cuidado de si (*epimeleia heautou*), como diante da *pólis*.

Em acordo com Sócrates, de modo sumário, no diálogo platônico *Apologia de Sócrates*, Foucault ressalta a coragem de um dizer verdadeiro que enfrenta até mesmo o medo da morte. O que aparece nas entrelinhas deste diálogo, do confronto de Sócrates com sua própria condenação à morte, é a realização do exame de si e de um dizer verdadeiro no amplo espaço público, um exame que se converte em uma espécie de cuidado de si e dos outros. Nesse sentido, Foucault tenta alcançar, a partir da personagem Sócrates da *Apologia*, a redefinição da coragem de dizer a verdade empreendida como transformação efetiva provocada na vida dos interlocutores e/ou leitores: uma alteração que se implica em um desvencilhamento das opiniões alheias, prontas, vendidas como verdade.

E assim, em outro diálogo platônico, *Laques*, ainda no curso de 1984, que Foucault ressalta a coragem como atitude de produzir a vida, a vida prática e qualificada, como uma obra de arte. É, portanto, em acordo com o exame de si (*exétasis*) e dos modos de vida (*bios*) que se poderia chegar à apreensão de uma “verdadeira vida”. Ou seja, a coragem presente no diálogo platônico *Laques* se remete a uma ética da verdade, sendo que o que importa é a tarefa de “dar à vida (ao *bíos*) uma forma, visível, harmoniosa e bela” (Gros, 2011, p.309). A exemplo dos textos *A apologia* e *Laques* presentes no curso *A coragem da verdade*, vemos Foucault acentuar um modo de filosofia (ou de jornalismo) que se liga intimamente ao exame do presente e à tomada de uma atitude corajosa. Talvez seja aí que a atividade jornalística esteja

mais próxima da filosofia em Foucault, na medida em que ambos os campos se voltam para um dizer verdadeiro, para o exame da atualidade e para a destituição de uma condição de sujeição.

Já no que diz respeito ao cinismo, a parresia indica se radicalizar no curso foucaultiano de 1984: a verdade requer a coragem de dizê-la. A figura do cínico na Antiguidade, por sua vez, se apresenta como aquela que não faz concessões, não visa obter vantagens e benefícios pessoais. O cínico, por sua condição errante, às margens da cidade, pode se desvencilhar das convenções, dizendo de si sem disfarce, praticando um modo de vida verdadeiro, livre, sem “rabo preso”, coerente com o que diz. Outro traço retido do cinismo antigo por Foucault é o afrontamento das opiniões provindas do senso comum. A parresia cínica ressaltada no curso foucaultiano consistiria em fazer com que as verdades pudessem eclodir como escândalo público, destacando-as nas praças ou nas ruas, interpelando a todos a dizer sobre as verdades que lhe seriam mais caras e os problemas da atualidade. Além disso, o pensador cínico é aquele que passa a prescindir de tudo que é supérfluo; o brilho e o valor da verdade se revelariam no seu próprio viver, na coragem de assumir um “estilo”, no que se destaca como uma vida destituída de ambições e vaidades acessórias.

Diante desses aspectos extraídos do curso *A coragem da Verdade*, a coragem da verdade – por conseguinte, da crítica que se anuncia em Foucault – é aquela que se apresenta necessariamente na contramão dos valores e da visão estreita de um determinado tempo. Não por acaso que, na esteira de suas pesquisas sobre os cínicos antigos, Foucault passasse a destacar a incumbência de Diógenes “de mudar o valor da moeda” após seus questionamentos diante do oráculo de Delfos. Em termos gerais, mudar o valor da moeda se converte, para Foucault, em um princípio de coragem de dizer a verdade sob qualquer custo, de coragem de viver em acordo com o que se pensa. Como afirma Maria Cristina Ferraz, em seu artigo “Foucault, 1984: a coragem de A Coragem da verdade”, a coragem em questão presume em “reavaliar” a realidade; “mudar valores implica confrontar-se corajosamente com seu tempo. O dizer-verdadeiro implica, portanto, quebrar regras, hábitos, costumes, leis, convenções” (Revista Trágica, maio/agosto de 2025, p.77).

Ora, o próprio Michel Foucault tinha uma carreira na filosofia marcada por vários deslocamentos, rupturas e dissensões, envolvido com as questões da loucura, das prisões, das formas jurídicas do poder, da normatividade das ciências sexuais, da tanatopolítica implicada na biopolítica, das tecnologias advindas de uma racionalidade política, de um racismo de Estado, das raízes liberais dos modos contemporâneos de governamentalidade etc. No contexto de todas essas alterações temáticas, de ter que constantemente recalculando sua rota crítica, o pensador francês não hesitou em se deslocar e deslocar seu pensamento para enfrentar diversos problemas de seu presente, impelindo muito dos seus pesquisadores a fazer um movimento crítico paralelo ao seu, no esforço de atualizá-lo em nosso presente.

Desse modo, a posição crítica do jornalista filósofo Foucault configurou-se como uma prática de fronteira, de enfrentamento dos cercos da verdade. Sendo assim, ainda no prefácio ao livro do jornalista Jean Daniel, Foucault faz remissão a uma importante lição que aprendera com o filósofo Merleau-Ponty, sobretudo, quando diz que a tarefa filosófica - e que aqui consideramos também a jornalística - consistiria em:

jamais consentir em ficar à vontade com suas próprias evidências. Jamais deixá-las dormir, mas não acreditar tampouco que um fato novo será suficiente para derrubá-las; não imaginar que se podem mudá-las como axiomas arbitrários, lembrar-se de que, para lhes dar a indispensável mobilidade, é preciso olhar de longe, mas também de perto e à volta de si próprio. (Foucault, 2013, p. 284).

Em suma, numa época em que os debates políticos são muitas vezes conduzidos por *fake news*, em que a realidade é distorcida numa velocidade vertiginosa, isso nos provoca a assumir uma posição de suspeita não apenas jornalística, como também filosófica. Certamente, seja no jornalismo, seja na filosofia, uma das atitudes que Foucault mais nos instiga é jamais consentir em ficar à vontade com nossas próprias evidências ou com o que nos chega como sendo “a verdade”. Entretanto, não se trata de rechaçar a verdade - o que corresponderia a uma ficção anódina -, a atitude de suspeita diante de qualquer que seja a verdade, da crítica que compreendemos ser cara ao jornalismo como também à filosofia, é aquela que vai corroendo o foco e a centralidade

das estruturas formais do poder, provocando a opinião pública a voltar a atenção para as formas históricas que tornaram possíveis determinados discursos se tornarem verdades.

No que concerne à coragem da verdade, levar em conta Foucault como um filósofo jornalista, parece nos mobilizar criticamente a enfrentar não apenas as falsas notícias atuais, como os governos mais truculentos. Tudo indica que a tarefa de um jornalismo filosófico não esteja apenas em denunciar o que determinadas notícias têm de mentiroso ou de que forma foram manipuladas, mas nos orienta a nos colocarmos sempre numa posição de suspeita diante de qualquer verdade. Essa posição criticamente atenta, vislumbrada no jornalismo filosófico de Foucault, pressupõe a abertura e o risco de não apenas mudarmos de opinião, mas de transformarmos a nós mesmos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre jornalismo e filosofia são bem mais antigas do que as reportagens de Michel Foucault durante a Revolução Iraniana. Como o próprio artigo mostrou, o texto de Immanuel Kant também foi publicado em um jornal. Outros nomes da filosofia como Hannah Arendt e Jürgen Habermas também tem uma parte importante de suas obras constituída na aproximação da filosofia com o jornalismo. O caso de Michel Foucault carrega a singularidade de, em um dado momento, aproximar o seu trabalho do trabalho jornalístico ao ponto de se identificar como jornalista. Fica o questionamento sobre quais traços do jornalismo filosófico de Foucault poderiam encontrar ressonância ou servir de referência em outras experiências jornalísticas contemporâneas.

É sempre bom lembrar que o filósofo francês não prescreve um modelo de práxis jornalística. Não apresenta, portanto, algo que ele considere como orientações, elementos e características a serem seguidas em outras “reportagens de ideias”. Ao mesmo tempo, Foucault também nunca se deteve em prescrever as melhores formas e formatos de uma apuração crítica da verdade, de uma escrita jornalística ou mesmo de uma ética. Porém, seja no comentário ao trabalho de Jean Daniel ou mesmo na série de reportagens sobre a Revolução Iraniana, o que deixa transparecer é que tanto a coragem da verdade como a atitude crítica são ferramentas úteis no enfrentamento de discursos

de poder estabelecidos numa prática jornalística. Muito distante da maioria da práxis jornalística atual? Na maioria dos casos, sim, mas não essencialmente impossível.

Talvez o que mais estimule Foucault a se reconhecer como jornalista esteja na disposição política corajosa de tornar público, desqualificar, quebrar, implodir, os discursos de verdade articulados por determinados regimes de poder. Exercer o ofício do jornalismo ou de filósofo, pela perspectiva foucaultiana, demanda uma função crítica atenta diante dos problemas que nos surgem no presente, propiciando-nos dar visibilidade, trazer à tona, o que aparece nas entrelinhas do campo de força dos textos e contextos em que nos vemos assujeitados. Seja na atividade do jornalista ou do filósofo, no conjunto da obra de Foucault, a verdade em questão não se extrai apenas do exame das fontes, da consistência dos argumentos, de uma reflexão metodológica, mas se ressalta antes de tudo na coragem de um dizer verdadeiro, coragem de confrontar uma ordem discursiva implicada em jogos espúrios de poder.

Todavia, o exercício do jornalismo filosófico não é aquele que nos leva a ver o mundo como uma ficção, a desprezarmos a verdade e nos destituirmos do compromisso com o verdadeiro. Não se trata disso. Ao contrário, trata-se do direito de interrogar qualquer verdade sobre os seus efeitos de poder. Sendo assim, o *métier* da crítica - seja no jornalismo, seja na filosofia - se dá na abertura de um campo de debate, em que cada um de nós alcança a possibilidade de pensar por si mesmo, em que cada um de nós possa ativamente questionar determinados discursos com valor de verdade, numa espécie de “indocilidade refletida” (Foucault, 2025, p.41). Em última instância, para Foucault, qualquer discurso, para que seja verdadeiro, deve de antemão se submeter à pedra de toque da crítica.

Diante disso, cabe-nos um último questionamento a título de conclusão: como é possível identificar as falsas notícias, separar o joio do trigo, saber qual a verdade pode ser significativa para alteração de um quadro político? De todos os indícios dados no decorrer dos ditos e escritos foucaultianos, a verdade que indica estar em questão para Foucault é a que abre espaços para nos insurgirmos diante de qualquer poder que pretenda conter nossos movimentos, impedir nossa transformação e obscurecer, distorcer, nossa visão. Noutras palavras, o jornalismo filosófico não diz apenas do

direito de não sermos governados tanto assim, mas do direito de não sermos enganados tanto assim.

REFERÊNCIAS

- DAVIDSON, A. & Lorenzini, D. “Introdução”. in: **O que é a Crítica?**. São Paulo: Ubu, 2025.
- FERRAZ, Maria Cristina. “Foucault, 1984: a coragem de A Coragem da verdade”. In: **Revista Trágica**, Niterói / Rio de Janeiro: Seropédica, vol.18, nº02, mai./ago., 2025, pp.70-79. Link de acesso: [Vista do Foucault, 1984](#). Acessado em: 25/02/2026.
- GROS, F. “Situação do Curso”. In: FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **O que é a Crítica?** São Paulo: Ubu Editora, 2025.
- FOUCAULT, Michel. “Diálogo sobre o Poder”. In: **Ditos e Escritos, vol. IV: Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. “O Que São as Luzes?”. In: **Ditos e Escritos, vol. VII: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- FOUCAULT, Michel. “É importante pensar?”. In: **Ditos e Escritos VI. Repensar a Política**. Foucault, Michel. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, Michel. “Para uma Moral do Desconforto”. In: **Ditos e Escritos VI. Repensar a Política**. Foucault, Michel. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, Michel. “As Reportagens de Ideias”. In: **Ditos e Escritos VIII. Segurança, Penalidade e Prisão**. Foucault, Michel. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. “O filósofo mascarado”. In: **Ditos e Escritos, vol. II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. “A Escrita de Si”. In: **Ditos e Escritos, vol. V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, Michel. “A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é ‘a Atualidade’”. In: **Ditos e Escritos, vol. II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. “A Vida: a Experiência e a Ciência”. In: *Ditos e Escritos*, vol. II: **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a Genealogia, a História”. In: *Ditos e Escritos*, vol. II: **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Qu’est-ce que la critique? [Critique et Aufklärung]*. Paris: **Bulletin de la Société française de Philosophie**, 1990.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PELEGRINI, Maurício. “Foucault no Irã: Escatologia Xiita e Espiritualidade Política”. In: **Espiritualidade e Política na Contemporaneidade**. Galantin, Daniel. Curitiba: PUCPress, 2021.

Original recebido em: 09 de abril de 2026

Aceito para publicação em: 13 de julho de 2026

Regiane Lorenzetti Collares

Professora de Filosofia da Universidade Federal do Ceará.
Professora permanente do PPGFIL (UFC) e do PROF-FIL (UFCA).

Luis Celestino de França Júnior

Professor Associado do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará.
Doutor em Comunicação (UFPE) e Mestre em Comunicação (UERJ).

Lara de Moraes Feitosa

Estudante de Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC).
Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET Filosofia/UFC).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional